



# Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma hermenêutica feminista crítica

*Elisabeth Schüssler Fiorenza: a critical feminist  
hermeneutics*

FERNANDA HENRIQUES<sup>a</sup>

## Resumo

O texto incide sobre o pensamento de Elisabeth Schüssler Fiorenza e o seu caráter inovador e transformador, querendo mostrar a profunda ruptura no espaço das teologias contemporâneas que a sua obra representa. Nesse sentido, explorará alguns dos caminhos abertos pelo pensamento de Fiorenza, dando particular atenção (1) às questões da importância da construção de uma memória crítica para o processo de libertação da imagem das mulheres e do feminino, no campo do cristianismo, (2) ao papel decisivo da linguagem nesse processo de libertação e (3) aos traços fundamentais da sua proposta de salvaguardar a igualdade entre mulheres e homens no seio da religião.

**Palavras-chave:** Teologia feminista crítica da libertação. Hermenêutica da suspeita. Memória crítica. Discipulado de iguais.

## Abstract

*The paper focuses on the thought of Elisabeth Schüssler Fiorenza and its innovative and transformative character, wanting to show the deep break in the space of contemporary theologies that her work represents. In this sense, it will explore some of the paths opened by Fiorenza's thought, paying particular attention (1) to the issues of the importance of building a critical memory for the process of liberating the image of women and the feminine, in the field of Christianity, (2) decisive role of language in this process of*

---

<sup>a</sup> Universidade de Évora, Évora, Portugal. Doutora em Filosofia, e-mail: maria.mariafern@gmail.com

*liberation and (3) the fundamental features of its proposal to safeguard equality between women and men within religion.*

**Keywords:** *Feminist critical liberation theology. Hermeneutics of suspicion. Critical memory. Discipleship of equals.*

## Introdução

O presente estudo tem como finalidade essencial mostrar a profunda ruptura no espaço das teologias contemporâneas que a obra de Elisabeth Schüssler Fiorenza, em geral, instaura e, em particular, o seu livro *In Memory of Her* (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1986) personifica de forma paradigmática. Não se trata, por isso, de apresentar uma análise sistemática da obra da autora, mas sim de desenvolver uma reflexão explorando alguns dos caminhos abertos pelo pensamento de Fiorenza, nomeadamente, com particular ênfase para (1) as questões da importância da construção de uma memória crítica para o processo de libertação da imagem das mulheres e do feminino, no campo do cristianismo, (2) o papel decisivo da linguagem nesse processo de libertação e (3) os traços fundamentais da sua proposta de salvaguardar a igualdade entre mulheres e homens no seio da religião.

Para além desta introdução, o texto está estruturado em três partes: uma informação muito genérica sobre a autora, dando atenção a sua integração no campo das Teologias; a exploração da articulação entre a opressão e a linguagem e a necessidade de uma reconstrução da memória coletiva e, por fim, uma apresentação sucinta da sua proposta radical consubstanciada na ideia de um discipulado de iguais. O texto termina com uma pequena conclusão.

### **1. O percurso de Elisabeth Schüssler Fiorenza e a sua inscrição nos quadros da investigação teológica contemporânea**

Elisabeth Schüssler Fiorenza é autora de uma vasta obra, traduzida em várias línguas, de que a trilogia *Transforming Vision* (2011), *Changing Horizons* (2013), *Empowering Memory and Movement* (2014) pode representar algo

como “um balanço e perspectiva” porque põe em relevo a peculiaridade do seu trabalho que, sem renunciar nunca aos parâmetros decorrentes da exigência acadêmica de cientista que é, expõe, simultaneamente, a articulação entre esse trabalho e o seu percurso existencial, bem como o seu total compromisso com uma práxis libertadora. Esta posição foi sempre afirmada por Fiorenza das mais diversas formas. Por exemplo, em *Jesus: Miriam’s Child, Sophia’s Profet* (2000, p. 27), defende que as estudiosas feministas da religião devem distinguir entre os discursos da teologia, do feminismo e da ciência, mas, ao mesmo tempo, devem ser capazes de trabalhar nas suas fronteiras e saber mover-se entre eles, chegando a afirmar que a teologia feminista deve ser agitadora e funcionar como uma “estrangeira com residência permanente”.

A modo de registro, Fiorenza fez sua formação acadêmica na Alemanha, nomeadamente, o doutoramento, tendo sido a primeira mulher a completar, em Würzburg, a formação em Teologia exigida aos estudantes masculinos que se formavam para o sacerdócio (CLIFFORD, 2001). No início dos anos 1970, radicou-se nos EUA, porque, segundo ela, “não tinha possibilidade de trabalhar na Alemanha, como teóloga” (SEGOVIA, 2003, p. 10). Ensinou em diversas instituições americanas, nomeadamente, na Universidade de Notre Dame, na *Episcopal Divinity School*, de Cambridge, Massachusetts, e na *Harvard Divinity School*. Sua docência e investigação incidem nas questões de epistemologia bíblica e teológica, nas questões hermenêuticas e nas de retórica e de política da interpretação, sendo uma das pioneiras nos estudos de Teologia feminista. Foi cofundadora e coeditora do *Journal of Feminist Studies in Religion*, sendo, igualmente, coeditora dos números da revista *Concilium* dedicados às questões feministas. Em 1987, tornou-se a primeira mulher a presidir a *Society of Biblical Literature*.

No que diz respeito à sua inserção no campo das Teologias contemporâneas, em termos de síntese, poder-se-á dizer que sua proposta se deixa descrever no quadro de uma *hermenêutica da suspeita*, sendo que ela mesma classifica o seu trabalho como uma *Teologia feminista crítica da libertação*. Tal autodesignação obriga a uma série de esclarecimentos conceituais que me proponho fazer na continuação.

## *1.1 A perspectiva teológica de Elisabeth Schüssler Fiorenza e as Teologias da Libertação*

O grande desenvolvimento da reflexão teológica feminista produzida no Brasil e na América Latina em geral tem posto de manifesto que a Teologia da Libertação não incluiu um olhar específico sobre as Mulheres (RIBEIRO, 2016). Obras de teólogas como Ivone Gebara (2010) ou como Elza Tamez (1980) desenvolvem toda uma reflexão que evidencia essa lacuna da Teologia da Libertação e, ao mesmo tempo, alargam a perspectiva paradigmática instaurada por essa perspectiva teológica de modo a envolver nela as Mulheres e a sua situação específica de oprimidas e de excluídas. O que, em geral, é posto de manifesto pelas diferentes linhas críticas é que:

[...] a urgência da realidade sociopolítica e econômica que marcou a teologia da libertação manteve “invisibilizada” a realidade da mulher até uma década posterior. “A experiência de Deus no pobre e no oprimido” — ponto de partida da teologia da libertação não contemplava a questão de gênero e, mais ainda, pensava-se que esta questão poderia afastar tal fazer teológico do fundamental: “o pobre” (VÉLEZ CARO, 2012, p. 89).

Elisabeth Schüssler Fiorenza se inscreve totalmente nesta linha crítica, considerando esta cegueira em relação às Mulheres como evidente e exigindo uma efetiva superação. Sua proposta teológica quer cumprir essa função, valorizando a mudança de paradigma instaurado pela Teologia da Libertação, que determina vários níveis de mudança. Por um lado, altera as metas da prática teológica e dos seus processos epistemológicos e, por outro, assenta na ideia da necessidade de uma mudança de consciência e dos temas centrais da teologia. Para Fiorenza, é particularmente importante que a reflexão teológica se desenvolva em articulação com seus contextos sociopolíticos, pelo que a sua valorização da Teologia da Libertação também assenta no fato de que esta perspectiva teológica, demarcando-se das modernas teologias fundamentalistas e liberais, não considera que a questão da secularização seja o maior perigo para a fé, mas sim o conjunto de processos e práticas sociais que exploram a vida humana e, ao limite, a põem em risco. Nesse sentido, salienta a transformação teológica que aquela perspectiva opera quando muda

a questão de “*como nós podemos acreditar em Deus?*”, para a esta outra: “*que espécie de Deus os cristãos proclamam?*” ou “*a fé dos cristãos traz alguma diferença à luta pelo bem estar de todos?*” [...] Resumindo, as teologias de libertação insistem que a salvação não é possível fora do mundo. A visão de Deus de uma criação renovada proclama não apenas um “novo” céu, mas também uma “nova” terra qualitativamente diferente (SCHÜSSLER-FIORENZA, 2002, p. 59).

Contudo, essa mudança de paradigma manteve um traço básico tradicional: o da concepção de que os sujeitos da teologia e os interlocutores dos discursos teológicos são masculinos. Por isso, Fiorenza dirá que “as correntes masculinas da teologia da libertação não explicaram claramente a opção pelos pobres como opção por mulheres pobres e crianças dependentes delas” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 2002, p. 60). Para ela, uma teologia da libertação feminista crítica deve ultrapassar os dualismos antropológicos e se abrir à compreensão dos complexos mecanismos sociopolíticos de opressão, em lugar de hipostasiar o patriarcado capitalista como explicação única e última.

Dentro deste quadro crítico, sua proposta teológica representa um enriquecimento que, diríamos, completa os desígnios da própria Teologia da Libertação. Entre outros contributos, esse enriquecimento vai levar Fiorenza à criação de um campo linguístico novo, como se verá adiante. Compreender melhor sua posição supõe, no meu entender, analisar a sua inserção no quadro das Hermenêuticas da Suspeita.

### *1.3 Elisabeth Schüssler Fiorenza e as implicações da Hermenêutica da Suspeita*

Como se disse acima, Fiorenza classifica a sua prática teórica como uma *Teologia feminista crítica da libertação*. Importa, pois, perceber o sentido do vocábulo/conceito “crítico” ligado a “libertação”, ambos contextualizados pela semântica de uma hermenêutica da suspeita.

Tal como Paul Ricoeur o apresenta e desenvolve na sua obra sobre Freud de 1965, a perspectiva das hermenêuticas da suspeita é subsidiária de duas outras categorias: primeiro, de um campo hermenêutico fragmentado e, segundo, da ideia de conflito de interpretações, que são, indiscutivelmente, figuras maiores do pensamento ricoeuriano e que protagonizam a ideia da

radicação hermenêutica à necessidade de “*partage des voix*”, como Jean-Luc Nancy (1982) apresenta admiravelmente em sua obra com esse mesmo título e analisada por mim noutra ocasião (HENRIQUES, 2019).

A hermenêutica impõe a “*partage des voix*” porque se assume como sendo a alternativa à possibilidade humana de realizar uma discursividade total, um saber totalmente unificado sobre o real. Nesse quadro, as hermenêuticas da suspeita são, sobretudo, perspectivas denunciadoras da hipótese de poder haver neutralidade e pacificação no âmbito do saber. Todo saber releva interesses e, enquanto inscrito num campo hermenêutico fragmentado, cada parcela do saber representa uma perspectiva que, embora válida, é, constitutivamente, limitada (HENRIQUES, 2005).

No quadro de algum debate contemporâneo, como é o caso da obra de Miranda Fricker (2007), sobre as injustiças epistêmicas, enquanto fator estruturalmente discriminador, é muito importante realçar o aspecto crítico e libertador das perspectivas desenvolvidas por Fiorenza. Na verdade, é cada vez mais importante ter em atenção o papel que as epistemologias têm no plano mais geral da injustiça social, na medida em que elas contribuem para o enviesamento simbólico das culturas.

#### *1.4 A inserção de Elisabeth Schüssler Fiorenza nas Teologias Feministas Cristãs Reconstitutivas*

Para se perceber melhor o que está em jogo na classificação do pensamento de nossa teóloga como uma *Teologia feminista crítica da libertação*, convém salientar como é que sua atividade é avaliada por quem desenha classificações das teologias feministas. De tais classificações, as mais generalizadas sobre as diferentes perspectivas das Teologias Feministas são as seguintes três (NUNES; DEVENTER, 2009):

- a) *Teologias Feministas Revolucionárias* que consideram que o Cristianismo é irremediavelmente patriarcal e oposto à libertação das Mulheres. Ou seja, ele é constitutivamente opressivo para as Mulheres e, portanto, há que abandoná-lo. Esta é a posição que, por exemplo, Mary Daly defende.

- b) *Teologias Cristãs Reformistas* que estão na posição oposta e querem reformas dentro das igrejas. Para além do compromisso com o cristianismo, esta posição defende, por exemplo, traduções inclusivas da Bíblia e maior ênfase nas suas passagens igualitárias. O exemplo mais conhecido desta perspectiva é constituído pelo trabalho de Elizabeth Johnson.
- c) *Teologias Feministas Cristãs Reconstitutivas* que, mantendo, embora, um compromisso com o cristianismo, propõem uma profunda transformação dele. Fiorenza é um dos nomes mais destacados desta perspectiva.

Compreender sua integração nas perspectivas teológicas cristãs reconstitutivas obriga ao esclarecimento de três conceitos essenciais de seu trabalho, a saber: *igualdade*, *democracia* e *integridade*. É no quadro definido por esta trilogia que Fiorenza investiga, ensina e propõe transformações no modo de pensar e de viver do Cristianismo e da Sociedade.

Para ela, teologia e filosofia têm profundas relações de entrosamento e contribuem para alimentar, reproduzir e legitimar as estruturas opressivas de dominação e de desumanização, possibilitando falsas vivências democráticas, carência de igualdade e, por isso, lacunas fundamentais na integridade humana. Numa entrevista ao *Journal of Philosophy and Scripture*, afirma:

Pelo contrário, é na luta de todas as pessoas pela integridade, pela justiça, pela comida e pela sobrevivência, pela mudança de estruturas de dominação, pela transformação, é nessas lutas cotidianas que podemos vislumbrar o divino. Se localizarmos o divino nessas lutas, pelo menos podemos defender-nos contra o uso da linguagem de *G\*d* para legitimar estruturas opressivas e injustas de dominação e desumanização (NORTON, 2004, p. 29).

A responsabilidade da Igreja nesse estado de coisas vem, por um lado, do fato de ela ter uma estrutura *kyriocêntrica*, ou seja, se organizar numa pirâmide de múltiplas opressões, e, por outro lado, por assentar e desenvolver um “discurso *kyriárquico*”, isto é, para o dizer com as palavras de Teresa Toldy, um “‘cânone da opressão’, que, [...] passa pelos livros sagrados e pelas suas interpretações e reinterpretções por parte das instâncias emissoras dos discursos oficiais (sempre masculinas!)” (TOLDY, 2010, p. 172). Elisabeth

Schüssler Fiorenza põe de manifesto que a Igreja apresenta uma dupla instância de opressão: organizativa e discursiva, que se reforçam mutuamente.

Assim, para atingir a igualdade e a democracia na estrutura eclesial e poder abrir caminho ao desenvolvimento integral de Mulheres e de Homens é necessário lutar contra ambas as instâncias opressoras. Essa luta para mudar as estruturas de dominação é, naturalmente, política e libertária e, como dizia a citação, “é nessas lutas cotidianas que podemos vislumbrar o divino”. Por isso, poderemos compreender que a sua posição teológica possa ser caracterizada como “reconstrutiva”, na medida em que sua proposta aponta para uma reconstrução dos discursos eclesiais e da própria organização eclesial, como se concretizará mais adiante.

## **2. Opressão e linguagem: a necessidade de uma reconstrução da memória**

Seu livro *In Memory of Her, a feminist reconstruction of Christian origins*, dos anos 1980, de uma certa maneira estabelece uma descontinuidade e mesmo uma ruptura na produção teológica feminista, representando um momento de viragem sem retorno. No meu entender, há um momento antes e um momento depois de *In Memory of Her*, na discursividade teológica feminista. Dois tópicos estão implicados no título: a questão da memória e de se fazer memória, por um lado, e, por outro, a referência a uma personagem feminina, a quem importa render homenagem, através desse trabalho da memória. Identificando-a, seremos conduzidos ao *télos* estrutural do livro:

Nas narrativas da paixão do Evangelho de Marcos, três discípulos se distinguem claramente: por um lado, dois dos doze – Judas que traiu Jesus e Pedro que o negou; por outro lado, a mulher, cujo nome não conhecemos, que perfumou Jesus naquilo que se convencionou chamar “a unção de Betânia”. Mas, enquanto a história de Judas e a de Pedro estão gravadas na memória dos cristãos, a história desta mulher está praticamente esquecida. Ainda que em Marcos, Jesus afirme (14, 9): “em verdade vos digo, por todo o lado onde for proclamado o Evangelho no mundo inteiro, contar-se-á também esta história em memória dela”, o gesto profético desta mulher não faz parte daquilo que a maior parte dos cristãos retiveram do Evangelho. [...] Por todo o lado, onde o Evangelho é proclamado, a Eucaristia celebrada, uma outra história nos é contada: a do apóstolo que traiu Jesus. Lembramo-nos do nome do traidor, mas apagamos o



nome desta discípula fiel porque era uma mulher (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1986, p. 11).

Tal personagem feminina é, portanto, a mulher que ungiu Jesus, que Ele reconheceu como digna de ser recordada pelo seu gesto de fidelidade, dizendo que ela deveria ser sempre lembrada, mas de quem, apesar disso, nem sequer sabemos o nome. Na verdade, a proclamação de Jesus *em memória dela, há de contar-se o que ela fez* não teve efetividade na prática cristã. Ou seja, não há memória dela, por ser mulher. Nesse sentido, o livro de Fiorenza quer realizar o que poderíamos designar por justiça cognitiva no contexto da construção de uma memória crítica, para usar, mais uma vez, uma perspectiva defendida por Paul Ricoeur (2000).

Desse texto, destaco a instauração de dois temas fulcrais para uma teologia crítica feminista da libertação: primeiro, a questão do papel opressor da discursividade e, segundo, a necessidade de se fazer uma aproximação histórica dos textos, de modo a poder se fazer uma reconstrução da memória coletiva no que concerne à situação das Mulheres no cristianismo.

## 2.1. A linguagem e a opressão

Elisabeth Schüssler Fiorenza coloca a linguagem como um dos alvos essenciais da sua análise e da sua crítica, na linha de um modo de pensar a linguagem como um fator estruturante da forma como olhamos o mundo e a nós mesmos e, em consequência, o modo como interagimos. Assim, é absolutamente fundamental, dentro de uma perspectiva epistemológica crítica, denunciar e desconstruir seu potencial papel opressor. Nesse seu trabalho sobre a linguagem, não é despiciendo salientar o que se refere à criação dos neologismos *kiriocêntrico* e *kiriárquico* que acabaram de ser referidos, bem como à importância que dá à grafia de alguns termos/conceitos-chave como *G\*d* e *wo/men*. Cada um dos exemplos que escolhi diz respeito a aspetos diferentes do valor e do poder do discurso, como se verá.

Os neologismos *kiriocêntrico* e *kiriárquico* têm uma dimensão estrutural dentro da perspectiva crítica de Fiorenza, na medida em que, através deles fica

manifesta a mudança de paradigma que quer evidenciar como caminho para melhor dar conta das discriminações. Exprime-o assim:

Cunhei em "*But She Said*" os neologismos Kiriarquia (*kyriarchy*) e kiriocentrismo (da palavra grega para "regra/domínio do mestre/mestre-centrismo"), para assim nomear as estruturas múltiplas sócio-políticas e religiosas da opressão e desumanidade sistemáticas (SCHÜSSLER-FIORENZA, 2002, p. 69).

Ainda no mesmo texto, explicita que sua investigação teológica procurou encontrar uma perspectiva que compreendesse o patriarcado para lá do sistema binário de gênero, que o descreve apenas como o domínio das Mulheres pelos Homens, propondo a sua reconceptualização de modo a torná-lo uma categoria heurística chave da *Teologia feminista crítica da libertação*. Esta reconceptualização propõe um novo olhar sobre a opressão e sobre a dominação, um olhar complexo que dê conta de que a pirâmide de dominação e de submissão não é apenas decorrente de uma perspectiva androcêntrica, estando estratificada por numerosas outras categorias como a raça, a classe, a religião e muitas outras determinações que tendem a separar o mundo em nós e os outros, sendo que tais outros acabam por entrar no domínio das "não-pessoas" (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1989).

É esta complexificação dos mecanismos de opressão que Fiorenza quer evidenciar quando fala da estrutura kiriocêntrica da Igreja e do seu discurso kiriárquico. Por outras palavras, a criação dos dois neologismos se prende ao fato teórico de uma mudança de paradigma na análise do binómio opressão/submissão que o termo clássico "patriarcado" não contemplava por ser redutor e simplista.

Em relação à grafia *G\*d*, Fiorenza quer sublinhar que a linguagem humana jamais é capaz de compreender e expressar o divino, propondo às teologias feministas uma atitude de cautela para não utilizarem qualquer nome para *G\*d*. Ou seja, o recurso a tal grafia quer pôr de manifesto a insuficiência de toda a linguagem para falar de Deus e de o nomear, pondo no centro da reflexão a finitude humana e o conseqüente abismo existente entre a racionalidade humana e a incomensurabilidade da realidade.

No que se refere à grafia *women*, ela aponta para um duplo objetivo: por um lado, denunciar a ambigüidade e instabilidade do vocábulo *mulher*; por

outro, dar corpo à sua ideia que, quando fala de mulheres marginalizadas e oprimidas, também está a incluir os homens. Assim, a este nível, o que está em causa é a busca de expressões linguísticas inclusivas e não discriminadoras.

Para além destas desconstruções linguísticas que Fiorenza leva a cabo, e ainda no contexto da relevância da linguagem na discriminação e na reprodução da opressão, ela chama também a atenção para as traduções da Bíblia e para os desvios androcênticos que elas comportam, realçando o facto de que toda a tradução é uma interpretação e de as traduções da Bíblia feitas ao longo do tempo se terem feito no quadro uma visão Kiriarcial da vida, sendo, por isso, necessariamente devedoras dessa visão. Tendo em conta o tólos da obra, é fundamental esta denúncia do papel penalizador para as Mulheres das traduções tradicionais da Bíblia, evidenciando a necessidade de as analisar criticamente e reconstruir.

## 2.2. *A necessidade de uma memória crítica*

Em *In Memory of Her*, a teóloga defende a necessidade de se fazer uma aproximação histórica dos textos bíblicos, tal como está explícito no conjunto do título: *A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*, para se aceder à configuração de uma memória crítica sobre o papel das Mulheres no cristianismo. Essa intencionalidade remete para várias direções teóricas que quero sublinhar: a primeira é uma remissão feita pela própria teóloga à figura e à obra de Judy Chicago, sublinhando que o projeto de *Dinner Party*, que esta outra teóloga levou a cabo, assenta na ideia da importância do conhecimento da nossa história para a nossa vida individual e coletiva, integrando nesse contexto o slogan de Judy Chicago: “A nossa herança é o nosso poder”. Esta remissão é importante porque enfatiza o valor da obra de Judy Chicago no quadro da desocultação do apagamento geral das Mulheres e das suas obras e ações da memória coletiva porque a investigação que sustentou o seu projeto artístico pôs de manifesto o nome de mais de 1000 Mulheres relevantes para a história da cultura ocidental, tendo servido de princípio de pesquisa para muitos trabalhos posteriores relacionados com o desocultamento do contributo das Mulheres para a nossa cultura (WHAITHE, 1987).

A outra direção teórica que queria convocar é a que Paul Ricoeur instaura na sua obra de 2000, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, na qual denuncia as injustiças que o excesso de memória e a falta dela (esquecimento) produzem na memória das pessoas e dos povos, empobrecendo o saber que temos de nós e dos processos que nos constituíram. Nesse quadro, Ricoeur fala do nosso dever de construir uma memória crítica que é, simultaneamente, uma exigência epistemológica e ética. Epistemológica, porque permitirá o acesso a uma visão mais rica e, porventura, objetiva da realidade na medida em que porá de manifesto narrativas apagadas ou minimizadas da nossa vida coletiva. Ética, porque, ao trazer a lume essas narrativas omitidas ou esquecidas, dá voz e vez a quem a história silenciou e escamoteou.

Por isso, sendo a Bíblia uma herança nossa, torna-se necessária sua recuperação através da reconstrução da história bíblica das Mulheres de maneira a construir uma memória crítica da relação entre o Cristianismo e as Mulheres, fazendo dessa memória crítica um recurso de libertação. Em *Discipulado de Iguais – Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*, que Fiorenza considera representar “a cartografia das minhas lutas, teológicas, feministas, bem como o mapeamento das tentativas que através dos anos, venho fazendo, no sentido de recuperar e dar nome às forças espirituais femininas” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 9), ela mostra claramente que há que reformular a tradição religiosa cristã para recuperar a herança espiritual das Mulheres. Di-lo, assim:

Não desejo que me compreendam mal. Não afirmo que as feministas devam continuar a ser membros das religiões e igrejas bíblicas que elas sentem opressivas e desumanizadoras. O que sustento é que aquelas, dentre nós, que sentiram o poder libertador da religião, devem reivindicar esse poder como legado e propriedade (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 11).

Na sequência dessa afirmação, Fiorenza esclarece que o essencial dentro de um quadro libertador é o poder de dar nome; poder que durante séculos foi recusado às Mulheres, das mais diversas maneiras, sendo a primeira delas a perda da memória histórica. Nesse contexto e como já referi em outro lugar (HENRIQUES, 2019), a proposta hermenêutica de Fiorenza releva três aspectos essenciais:

- Em primeiro lugar, o facto do contexto de produção dos textos bíblicos corresponder a um modo de ver o mundo patriarcal/kiriarcal, visão essa que determina quer a pouca presença de Mulheres, quer também a pouca importância dos papéis que desempenham. Por isso, a autora evidencia, igualmente, o cuidado a ter com a recepção de tais textos, uma vez que essa recepção pode transformar a Bíblia numa referência opressora para as Mulheres, por reproduzir a distorção original da produção dos textos.
- Em segundo lugar, para Fiorenza, não é evidente que as Mulheres não tivessem tido um papel ativo no início do cristianismo. Pelo contrário, para ela, elas tiveram esse papel necessariamente e só, posteriormente, foram apagadas dos textos e, portanto, da memória coletiva e da história.
- Em terceiro e último lugar, Fiorenza aponta as duas determinações que, a seu ver, devem sustentar a abordagem dos textos bíblicos: (1) por um lado e, no quadro de uma *hermenêutica da suspeita*, os textos devem ser enquadrados no seu contexto de produção, no seu *Sitz im Leben*, de modo a permitir que se dissocie aquilo que de simbólico existe neles e aquilo que neles é histórico, ao mesmo tempo que se desoculte que interesses estão a suportar os textos e quais são os seus objetivos; (2) por outro lado, sublinha a autora, há que pôr a trabalhar uma racionalidade imaginativa que ajude a fazer uma reconstrução poética das situações.

A articulação destas duas determinações na abordagem dos textos bíblicos é muito relevante para Fiorenza que evoca esta posição em *Jesus, filho de Maria*, já referido, reiterando a ideia ao dizer:

[...] no meu livro, *Em memória d'Ela*, sustentei que a reconstrução histórica feminista deve começar com a suposição da presença e ação das mulheres em vez de partir do discurso kiriarcal preconstruído da marginalidade e da vitimização das mulheres. [...] Se não se pode demonstrar categoricamente que as mulheres *não* foram membros deste grupo (das comunidades cristãs), é necessário conceder-se o benefício da dúvida aos rastros textuais que sugerem que, de facto, eram membros. Antes de tomar os textos androcêntricos pelo seu

valor nominal é necessário esclarecer a sua política de sentido (SCHÜSSLER-FIORENZA, 2000, pp. 52-53).

### 3. Um discipulado de iguais – uma *Ekklesia of wo/men*

Como ficou dito no início desta reflexão, Fiorenza, por um lado, organiza o seu trabalho teórico em torno do triângulo *Igualdade, democracia e integridade*, e, por outro, pretende fazer uma reconstrução do interior do sistema eclesial. É nesse duplo quadro que considero que se deve inserir a sua proposta de *uma ekklesia de Mulheres* ou *um discipulado de iguais*.

O que a autora pretende com a articulação entre *ekklesia* e discipulado de iguais é tornar presente a *Basileia*, ou seja, “o mundo alternativo de justiça e bem-estar, desejado pelo poder vivificante de D—s, como realidade e visão, no meio dos mortíferos poderes da opressão patriarcal e da desumanização” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 20). Tal proposta se insere no quadro da sua perspectiva reconstrutiva que, ao contrário da teologia feminista reformista, não se preocupa muito com os ganhos a curto prazo para as Mulheres no interior da igreja, explicitando-se no binómio: *discipulado de iguais – Ekklesia of wo/men*.

Como se formulam esta ideia e esta articulação? Ouçamos a autora:

Eu elaborei em “*But She Said*”, a expressão *ekklesia* de mulheres (*wo/men*) significando o congresso de decisões para fazer cidadãos. Ela está identificada não somente com o espaço religioso cristão, mas expressa uma alternativa de situação e de visão à democracia sociopolítica. Ela busca transmitir a realidade “imaginada” da democracia radical que nunca foi amplamente compreendida na história [...]. A expressão *ekklesia* para mulheres (*wo/men*), busca articular uma tensão criativa entre o “já” e o “ainda não”, entre as imagens e o centro, entre a pirâmide e o círculo, entre uma *kyriarchia* sistemática por um lado, e a noção democrática radical da *ekklesia*, como um discurso que vai na direção contrária do movimento feminista e da luta sobre o outro.

Resumindo, o conceito da *ekklesia* para mulheres (*wo/men*) oferece um quadro teórico que permite às feministas, na religião bíblica, desconstruir o centro patriarcal das tradições bíblicas e culturais ocidentais, elaborando simultaneamente a *ekklesia* para mulheres, ambos como discursos democráticos radicais e de formação política. [...] (SCHÜSSLER-FIORENZA, 2002, p. 72).

Desta proposta, Fiorenza afasta categoricamente duas hipóteses: primeiro, aquela que pretende a integração de Mulheres nas estruturas

patriarcais e, segundo, a que queira recuperar qualquer tipo de identidade feminina essencial. O que está em jogo é, então, uma espécie de transmutação ou transformação radical e, nesse sentido, Fiorenza afirma que só depois de terem reivindicado a *ekklesia*, comunidade, legado, teologia e espiritualidade – será possível nomear o divino de outra maneira, porque “[a] condição prévia absoluta dos novos mitos e imagens cristãs libertadoras não é apenas a modificação da consciência individual, mas também das estruturas sociais, eclesiais e teológicas” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 89).

## Considerações finais

Como é que as posições de Fiorenza são compatíveis com o seu querer assumir um compromisso com o cristianismo, mantendo-se no seu interior? No meu entender esse compromisso é possível por duas razões de natureza diferente: (1) uma razão histórica e (2) uma razão constitutiva. A razão histórica decorre da posição de Fiorenza sobre a natureza qualitativamente diferente do cristianismo primitivo que assenta no facto de ela considerar que o papel que Constantino teve, no sec. IV, na alteração das relações entre a Igreja e o poder instituído foi decisivo no modo de pensar o poder e de o organizar no interior do próprio cristianismo, situação que se irá reforçar com Teodósio e a proclamação do Cristianismo como a religião oficial do Império. Fiorenza insiste na exploração linguística para denunciar esta situação.

A tensão entre a visão democrática radical e a visão hierárquica dominante de igreja ainda se manifesta na noção linguística do termo “igreja” em inglês. O termo grego *ekklesia* é usualmente traduzido para o inglês por *church*, embora este seja derivado do termo grego *kyriake*, isto é, pertencente ao Senhor, e não do termo *ekklesia*. Assim, a acepção original de *ekklesia* não é *church*, mas “assembleia pública da comunidade política” ou “assembleia democrática dos cidadãos plenos”. O processo de tradução que transformou *ekklesia*/assembleia em *kyriake*/*church* indica um desenvolvimento histórico que privilegiou a forma senhorial/hierárquica de igreja (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995). Desta maneira, ao defender que a atual estrutura hierárquica da Igreja é histórica, isto é, tem um começo no tempo, sendo, por

isso, contingente, Fiorenza pode, coerentemente, sustentar que nada de intrínseco impede a sua modificação.

Quanto ao que designei como uma razão constitutiva, prende-se com uma situação muito mais decisiva e que tem a ver com o que ela chama *Carta Magna do Feminismo Cristão* e que, claro, é *Gálatas 3, 27*. Vou citar as palavras de Elisabeth Schüssler Fiorenza para terminar:

O feminismo cristão é fascinado pela visão de igualdade, integridade e liberdade, expressa em *Gálatas 3, 27*: em Jesus Cristo “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem ou mulher”. Esta Carta Magna do Feminismo Cristão foi oficialmente ratificada pelo Vaticano II, na Constituição sobre a Igreja (nº 32): “Portanto, não há em Cristo e na Igreja nenhuma desigualdade com base em raça e nacionalidade, condição social ou sexo, pois não há judeu nem grego ... (Gl 3, 28)”. Todavia, esta visão jamais foi plenamente realizada pela Igreja cristã através da sua história. O contexto da declaração conciliar reflete esta prática discriminatória da Igreja, na medida em que pleiteia a igualdade para todos os cristãos apenas com respeito à salvação, à esperança e à caridade, não porém com respeito às estruturas da Igreja e ao ofício eclesial. O malogro da Igreja quanto a realizar *Gálatas 3, 28-29*, em suas próprias instituições e praxis, teve como consequência uma longa teologia sexista da Igreja, a qual tentava justificar a praxis eclesial da desigualdade e suprimir assim a visão cristã e o clamor de igualdade e liberdade, dentro da Igreja (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 81).

## Referências

CLIFFORD, A. M. *Introducing Feminist Theology*. New York: Orbis, 2001.

FRICKER, M. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. New York: Oxford University Press, 2007.

GEBARA, I. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

HENRIQUES, F. *Filosofia e Literatura: um percurso Hermenêutico com Paul Ricoeur*. Porto: Porto Editora, 2005.

HENRIQUES, F. O conflito de interpretações como instrumento epistemológico determinante dos Women's Studies. *Critical Hermeneutics*, special 2, p. 109-133, 2019.

NANCY, J.-L. *Le partage des voix*. Paris: Galilée, 1982.



NORTON, M. B. An Interview with Elisabeth Schüssler Fiorenza “Critical Reflections on Philosophy and Theology”. *Journal of Philosophy and Scripture*, v. 1, n. 2, p. 27-31, 2004.

NUNES, C. van; DEVENTER, H. J. M. Feminist interpretation in the context of reformational theology: a consideration. *In die Skriflig*, v. 43, n. 4, p. 737-760, 2009.

RIBEIRO, C. (org.). *Rasgando o verbo: a crítica feminista à teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

RICOEUR, P. *De l'interprétation : Essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

RICOEUR, P. *La Mémoire, L'histoire, L'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. The Politics of Otherness; Biblical Interpretation as a Critical Praxis for Liberation. *In*: ELLIS, M. H.; MADURO, O. (eds.). *The Future of Liberation Theology*. Maryknoll: Orbis, 1989. p. 311-325.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. Deus (G\*d)\* trabalha em meio a nós. De uma Política de Identidade para uma Política de Luta. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 56-77, 2002.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *En Mémoire d'Elle : Essai de reconstruction des origines chrétiennes selon la théologie féministe*. Paris: Éditions du Cerf, 1986.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Cristología Feminista Crítica*. Jesús, Hijo de Miriam, Profeta de la Sabedoria. Madrid: Trotta Editores, 2000.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Transforming Vision: Explorations In Feminist*. Minneapolis: Fortress Press, 2011.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Changing Horizons*. Minneapolis: Fortress Press, 2013.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. *Empowering Memory and Movement: Thinking and Working Across Borders*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.

SEGOVIA, F. F. (ed.). *Toward a New Heaven and a New Earth: Essays in Honor of Elisabeth Schüssler Fiorenza*. New York: Orbis, 2003.

TAMEZ, E. *A Bíblia dos oprimidos: a opressão na teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

TOLDY, T. A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 89, p. 171-183, 2010.

VÉLEZ CARO, O. C. Balance y futuro de la teología feminista latino-americana. *Revista Alternativas. Revista de Análisis y reflexión teológica*, n. 44, p. 89-110, 2012.

WAITHE, M. E. (ed.). *A History of Women Philosophers*. London: Kluwer Academic Publishers, 1987.

RECEBIDO: 30/09/2020  
APROVADO: 12/02/2021

*RECEIVED: 09/30/2020*  
*APPROVED: 02/12/2021*